

Sant'Anna deverá ser líder de Sarney no Congresso

JORNAL DO BRASIL

FNC

Villas-Bôas Corrêa

Por decisão pessoal do presidente José Sarney, o governo terá líder próprio no Congresso, funcionando como articulador parlamentar e ponte de ligação direta entre a Presidência da República e os partidos.

O nome em cogitação para a liderança do governo é o do deputado Carlos Sant'Anna, do PMDB da Bahia e ex-ministro da Saúde do ministério composto pelo presidente Tancredo Neves e mantido pelo presidente Sarney.

As evidências da falta de um articulador político do governo junto ao Congresso já vinham sendo registradas há muito tempo. Mas o quadro agravou-se com a renovação do Congresso nas eleições de 15 de novembro e o crescimento do PMDB, desequilibrando a Aliança Democrática, base de sustentação do governo, para adquirir coloridos dramáticos nos episódios da crise na instalação do Congresso-Constituinte.

Nas emoções e sobressaltos da rebeleza dos novatos do PMDB, Sarney amadureceu a decisão de restabelecer a figura de líder do governo, adotando algumas cautelas na definição de suas atribuições. Na verdade, o líder atuará oficialmente junto ao Congresso ordinário, e não na Constituinte, que terá sua soberania respeitada.

Sarney não se afasta do propósito de resguardar a Constituinte de qualquer interferência do governo. Mas, na prática, como o Congresso e a Constituinte se confundem na mesma composição, a distinção será teórica. Na medida em que o líder do governo afirmar a sua presença e ocupe espaços no Congresso e no governo, ele será o interlocutor que o presidente Sarney necessita para estabelecer um diálogo permanente, tanto junto ao Congresso como à Constituinte, e sem intermediários. O líder do governo se entenderá sempre com o presidente Sarney para as decisões políticas. Com os ministros, como reforço da intermediação parlamentar.

O líder do governo, na verdade, tentará suprir uma dupla lacuna. No PMDB, preenchendo o vazio aberto com a omissão do deputado Ulysses Guimarães, o qual, como presidente da Câmara e da Constituinte, não terá como desincumbir-se da articulação parlamentar. Na crise, o retrairo de Ulysses, para não criar atritos e nem desgostar os seus eleitores parlamentares, deixou o PMDB acéfalo, um campo aberto à tentativa de ocupação dos radicais.

Mas, na área do Congresso, competirá ao líder do governo a defesa do presidente Sarney e do governo e a costura de uma base de sustentação parlamentar, necessariamente suprapartidária. Cuida Sarney de consolidar na medida do possível a Aliança Democrática,



Arquivo — 9/1/86

Carlos Sant'Anna

reaproximando o PMDB do PFL e de somar os senadores e deputados de outras legendas que se disponham a apoiar o governo.

Se o líder preencherá no Congresso o vazio criado com a divisão do PMDB, ele também exercerá no governo as funções que, normalmente, são atribuídas ao ministro da Justiça e ao ministro-chefe do Gabinete Civil.

Como o ministro Marco Maciel está embargado e contido pelos constrangimentos de líder do PFL, a legenda minoritária na Aliança, e não é um interlocutor confiável da maioria do PMDB, e o ministro da Justiça, Paulo Brossard, não se distingue pela habilidade como articulador político, o presidente Sarney optou pela saída de montar uma linha alternativa, invertendo a sua direção. Em vez dos ministros da Justiça e da Casa Civil encaminharem os assuntos políticos, em nome do presidente, junto aos parlamentares, o líder levará ao presidente os problemas do Congresso.

O líder, portanto, atuará no Congresso e no governo. A solução encontrada pelo presidente Sarney reflete o seu temperamento conciliador e resistente à substituição de auxiliares diretos. Para não trocar ministros e como não pode influir na escolha do líder do PMDB, optou por uma fórmula de acomodação, criando o novo cargo. Não é a primeira vez que Sarney utiliza tal artifício.

Sarney analisa a crise do PMDB a partir da magoada constatação de que tem sido de irrepreensível correção com o partido, cumprindo todos os compromissos de campanha, reconhecendo a sua condição majoritária mesmo à custa de queixas do PFL, e o partido não retribuiu com a mesma moeda.

É imperdoável que ninguém do PMDB, especialmente o presidente Ulysses Guimarães ou o líder Pimenta da Veiga, também líder do governo, não o

tenham prevenido, ao longo da reunião da bancada de deputados que se prolongou por nove horas, da iminência da aprovação emocional da extravagante proposta da Constituinte exclusiva, com o virtual recesso do Congresso ordinário. Sarney foi surpreendido pelo fato consumado através do noticiário da televisão.

Acusou o golpe desleal e passou a articular o revide. O presidente entrou no circuito, mobilizando ministros com penetração no PMDB. E foi recolhendo depoimentos que complementaram a sua avaliação. A acefalia do PMDB, com o encolhimento do deputado Ulysses Guimarães, instigou a minoria radical, estimada em cerca de 30 numa bancada de 259 deputados, à tentativa de golpe de mão para empalmar o comando do partido. Assim teria sido conduzida, no grito e na intimidação, a aprovação pela bancada da proposta que tanto irritou o presidente e que virtualmente estabeleceria uma subversão revolucionária. Se a Constituinte tudo podesse, na exacerbada de sua soberania, amanhã poderia decidir reduzir o mandato presidencial.

Parlamentares mais chegados ao presidente a ele levaram a sua justificativa e suas queixas. A maioria da bancada é esmagadoramente de centro e governista. Mas, sente-se órfã, largada pelo governo e marginalizada pelo comando partidário. Desarticulada, deixou-se levar pela veemência do discurso radical. As explicações de parlamentares insistiam na falta de um articulador do governo. No próprio governo e no Congresso.

Advertido da reação do presidente, o deputado Ulysses Guimarães, ainda que resguardado por cautelas, dispôs-se a articular a fórmula de composição. Ontem, o clima do Palácio do Planalto estava bem mais desanuviado com a perspectiva da rejeição da proposta da bancada do PMDB, o recuo da maioria do partido e a eleição do deputado Ulysses para as presidências da Câmara e da Constituinte.

Mas, Sarney decidiu colocar as barbas de molho. A crise serviu de alerta, exibindo as fragilidades do governo e os riscos a que se expõe num ano tenso e tumultuado. O processo de radicalização do Congresso acelera-se, antecipando as dificuldades de uma fase decisiva para a transição democrática.

A criação do líder do governo é um primeiro sinal de que o presidente Sarney dispôs-se a enfrentar o problema, mesmo que desagradando a direção do PMDB. Pois o líder do governo relega o líder do PMDB à subalternidade de um segundo plano. E a criação de um bloco suprapartidário de apoio ao governo estimulará a divisão do PMDB. De um partido que, cada vez mais, confirma a sua feição de frente e mantém a antiga e insuperável distinção entre autênticos e moderados. O governo pretende o apoio dos moderados.